

# Bornhausen propõe nova estratégia para o débito

"Uma moratória de alguns anos seria um gesto de ruptura desaconselhável, mas precisamos de um alongamento do prazo para pagamento de nossa dívida externa, redução das taxas e condições de pagamento de acordo com nossa capacidade de gerar superávits", disse ontem, em Porto Alegre, o presidente da Federação Nacional dos Bancos e do Unibanco, Roberto Konder Bornhausen, que, em palestra para empresários na Federação das Associações Comerciais, também criticou os excessos da estatização.

O comportamento das taxas de juros externas, observou, dependerá muito do próximo governo americano, mas alertou que não se pode esperar renegociar a dívida com taxas fixas, porque a maior parte dos recursos captados foi obtida no mercado livre, onde não existem condições de evitar a flutuação das taxas. Da mesma forma não espera nenhuma condição especial no momento em que o Brasil renegociar sua dívida, até porque existem diversos países nas mesmas condições. Entretanto, acredita que o Brasil pode revelar sua posição, no sentido de corrigir distorções e, no momento em que ocorrer, a renegociação será feita com maior preparo.

Quanto às taxas de juros internas, acrescentou que "é um fato que nos alegra a redução que vem ocorrendo". A tendência, a propósito, é de queda, embora não queira fazer previsões sobre as proporções em que isso acontecerá. A queda ocorrida, disse, foi devido basicamente à menor demanda decorrente do superávit governamental no primeiro quadrimestre do ano, da boa performance na exportação, da maior oferta da área privada pelo fato de as sociedades de crédito imobiliário poderem financeiar empreços mediante

ras de materiais de construção. Destacou ainda como fatores positivos as mudanças ocorridas no crédito rural e as esperanças de mudanças no depósito compulsório sobre os depósitos a prazo e à vista. Informou, a esse respeito, que os bancos estão negociando com o governo uma "redução substancial" no índice — hoje de 35% — do compulsório dos pequenos bancos, que continuará inalterado para os médios e grandes.

Em entrevista, Roberto Bornhausen manifestou sua expectativa de que o PIB poderá registrar um crescimento ligeiramente positivo neste ano. Afirmou que "em 84 atingiremos o final da fase de recessão e, a partir daí, será possível a retomada", mas não quis prever em que níveis isso será possível. De momento, confirmou informações já dadas por órgãos de classe, segundo as quais as empresas ligadas à exportação registram um aumento de atividades, embora "o mercado interno ainda continue fraco".

Para o sistema financeiro, previu que "84 será um ano bastante difícil. Será um ano de menor lucratividade, sem dúvida, e de crescimento insuficiente. Mas é importante que a fase de ajuste (da economia) seja final e o sistema financeiro terá que se adaptar a essa modificação". Recomendou que não se estimule maior crescimento das cadernetas de poupança, que "já dispõem, hoje, de um fatia de um terço dos ativos financeiros do País e que já é, uma fatia muito grande".

Disse também que o inadimplemento dos mutuários do BNH não está colocando em risco instituições financeiras, depois das últimas medidas do banco, acredita que "o processo está perfeitamente suportável". Indagado se, como mutuário, aceitaria aderir aos novos planos do banco, respondeu afirmativamente.